

O USO DOS PRONOMES PESSOAIS *NÓS/ A GENTE* EM CONCÓRDIA – SC

Lucelene Franceschini - UFPR

Introdução

Este trabalho analisa o uso das formas pronominais de primeira pessoa do plural *nós / a gente* em Concórdia – Santa Catarina, cidade de 70 mil habitantes, localizada no oeste do Estado, cujos habitantes têm em sua maioria pais agricultores oriundos do Rio Grande do Sul, de origem italiana ou alemã. A amostra utilizada é constituída de 12 entrevistas (metade do número total de 24 entrevistas, em fase de transcrição) de 40 /45 minutos, distribuídas por faixa etária, sexo e escolaridade. Adotando a metodologia da Sociolinguística Quantitativa, pretende-se descrever o uso dos pronomes *nós* e *a gente* na posição ‘sujeito’ e verificar os grupos de fatores linguísticos e sociais que possam, eventualmente, estar condicionando o uso de um ou outro pronome.

1. Os pronomes pessoais *nós* e *a gente*

Em termos gerais, os pronomes pessoais são caracterizados pelos gramáticos como indicadores universais das três pessoas do discurso: *quem fala, com quem se fala e de quem/ que se fala*, admitindo formas no singular com correspondente no plural. Entretanto, há inúmeras ressalvas que devem ser estabelecidas quanto às categorias de *número* e *pessoa*.

Trabalhos recentes sobre pronomes pessoais, e mais especificamente sobre as formas de representação da 1ª pessoa do plural, enfatizam os aspectos levantados sobre a categoria de pessoa e número e a noção do “eu-ampliado”. Com base em Benveniste (1995), vários estudos foram realizados identificando as diferentes possibilidades de formas pronominais, como *nós* e *a gente*, serem utilizadas para expressar o “eu-ampliado”.

Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unicidade e a subjetividade inerentes a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eu” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não-eu”, seja qual for o conteúdo desse “não-eu”. (BENVENISTE, 1995, p.256)

LOPES (1998) também menciona a divergência quanto à descrição gramatical referente à oposição singular/ plural nos pronomes pessoais: “Ora, a noção de número implica o grupamento de elementos de mesma natureza e não é isso o que ocorre com a forma *nós*, entendida como plural de *eu*, e *vós/ vocês* como plural de *tu/ você*.” (LOPES, 1998, p.3)

Considerando então a questão do plural nos pronomes pessoais, LOPES (1998) destaca que este pode indicar:

- a) a referência a dois ou mais seres que partilham o mesmo lugar na interlocução e, por conseguinte, são da mesma natureza;
- b) a referência a dois ou mais seres que ocupam lugares diferentes na interlocução;
- c) uma referência indeterminada, porque ao englobar diferentes pessoas, um pronome pode tornar-se tão genérico a ponto de não podermos precisar qual é o seu referente.

Nota-se ainda que esse valor genérico, difuso e indeterminado das formas *nós / a gente* e *você* se reflete na própria desinência verbal, como aponta Benveniste (1995). O fato de *a gente* e *você*, por exemplo, abarcarem a ‘não-pessoa’ está expresso na forma verbal a eles associada. Com tais pronomes o verbo fica na 3ª pessoa do singular, que se caracteriza pela marca zero ou falta de desinência e é considerado como forma impessoal. A impessoalidade verbal se coaduna com a noção de amplitude em que as formas pronominais são empregadas.

Numa escala que vai do [- determinado] para o [+ determinado], *you* e *a gente* seriam mais frequentemente utilizadas do que a forma *nós*, que, em contrapartida, apresenta desinência verbal, ausente naquelas.

Nos últimos anos, um bom número de pesquisas tem sido realizado sobre a introdução da forma *a gente* no quadro dos pronomes pessoais, como uma variante de 1ª pessoa do plural *nós*. Vários desses trabalhos analisam a gramaticalização do pronome *a gente*. Lopes (2003) menciona o fato de que na gramaticalização de *gente* (nome) → *a gente* (pronome) nem todas as propriedades formais do nome *gente* foram perdidas, assim como não foram assumidas todas as propriedades intrínsecas aos pronomes pessoais. Para a autora:

A forma gramaticalizada mantém do nome *gente* o traço formal de 3ª pessoa, embora acione uma interpretação semântico-discursiva de 1ª pessoa [+EU]. Mesmo que o verbo em concordância com *a gente* permaneça na 3ª pessoa do singular, se pressupõe a existência de um “falante + alguém”, numa frase do tipo “*a gente precisa comprar a nossa própria casa.*” Tal comportamento remete-nos ainda ao princípio da decategorização (Hopper, 1991) que consiste na neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas da categoria-origem (nome) e adoção dos atributos da categoria- destino (forma pronominal). (LOPES, 2003, p. 52)

Após essa breve explanação sobre os possíveis valores semântico-enunciativos e gramaticais dos pronomes *nós* e *a gente*, apresentamos os resultados da análise do uso dessas variantes em função ‘sujeito’ em 12 entrevistas (de um total de 24 que irá compor a amostra final), realizadas em Concórdia – SC, distribuídas por duas faixas etárias (menos de 45 anos e 50 anos ou mais), sexo (feminino e masculino) e três graus de escolaridade (primário, ginásio e secundário)¹. Essa pesquisa segue a metodologia da sociolinguística variacionista e para a análise estatística dos dados utilizamos o pacote do programa VARBRUL.

Como variável dependente, controlamos as variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito. As variáveis independentes foram divididas em dois grupos: as linguísticas e as sociais. Entre os grupos de fatores linguísticos, analisamos saliência fônica, determinação do referente, tempo verbal, presença/ ausência do pronome, concordância verbal e paralelismo formal. Os fatores sociais condicionantes testados foram: faixa etária, sexo e escolaridade.

2. Análise dos dados

Em nossa análise obtivemos de um total de 754 ocorrências das variantes pesquisadas, 382 (51%) ocorrências de *a gente* e 372 (49%) ocorrências de *nós*. Podemos observar que o uso do pronome inovador *a gente* já começa a ultrapassar o uso do pronome *nós* como referência à primeira pessoa do plural em Concórdia – SC.

Os grupos selecionados na rodada geral, por ordem, foram:

- 1º) Saliência fônica
- 2º) Faixa etária
- 3º) Sexo
- 4º) Determinação do referente
- 5º) Tempo verbal
- 6º) Presença ou ausência do pronome
- 7º) Escolarização

Dentre os grupos de fatores analisados, somente o paralelismo formal e a concordância verbal não foram considerados significativos na rodada geral.

A partir dos resultados obtidos em nossos dados para o uso dos pronomes pessoais sujeito *nós* e *a gente*, identificamos ambientes linguísticos favoráveis à presença de *a gente*, enquanto

¹ Adotamos a nomenclatura antiga referente aos graus de escolaridade para poder, posteriormente, comparar nossos dados com dados do VARSUL.

outros apresentam um acentuado condicionamento ao uso de *nós*. As características sociais do falante também atuam no uso das variantes em estudo. As tabelas abaixo ordenam os fatores mais favoráveis ao uso de *a gente* (Tabela 1) e *nós* (Tabela 2):

Grupos de fatores	Fator condicionante	N	%	P.R.
1) Saliência fônica	2) infinitivo	22/27	81	.92
	4) deslocamento do acento tônico	149/208	72	.66
	3) acréscimo da desinência com conservação da sílaba tônica	64/121	53	.63
	5) monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos	79/120	66	.55
2) Faixa etária	– 24 a 45 anos	226/366	62	.63
3) Sexo	– masculino	227/376	60	.60
4) Determinação do referente	– indeterminado	43/46	93	.88
5) Tempo verbal	– presente	266/438	61	.60
	– gerúndio	2/3	67	.58
6) Presença ou ausência do pronome	– presença	279/510	55	.55
7) Escolaridade	– primário	122/196	62	.62

Tabela 1 – Ambientes favoráveis ao uso do pronome *a gente*

Observamos na tabela acima que o uso do pronome *a gente* é favorecido em nossos dados por fatores linguísticos e sociais bem definidos. Dentre os fatores linguísticos, a saliência fônica destaca-se como o primeiro fator selecionado pelo programa e os níveis de saliência que favorecem o pronome *a gente* são os de menor saliência, ou seja, os que apresentam uma diferença menor de material fônico entre a forma singular e plural. Considerando as variáveis sociais, a faixa etária e o sexo apresentam-se como as mais significativas, pois os jovens e os homens favorecem mais o uso do pronome inovador *a gente*.

Grupos de fatores	Fator condicionante	N	%	P.R.
1) Saliência fônica	7) diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4:	44/ 51	86	.91
	6) redução dos ditongos finais em vogais + <i>-mos</i>	165/224	74	.70
2) Faixa etária	– mais de 50 anos	232/388	60	.63
3) Sexo	– feminino	223/378	59	.60
4) Determinação do referente	– determinado	369/708	52	.53
5) Tempo verbal	– pretérito perfeito	126/150	84	.66
	– infinitivo	16/39	41	.64
	– pretérito imperfeito	57/118	48	.60
6) Presença ou ausência do pronome	– ausência	141/244	58	.59
7) Escolaridade	– secundário	148/276	54	.55
	– ginásio	150/282	53	.53

Tabela 2 – Ambientes favoráveis ao uso do pronome *nós*

Quanto ao pronome *nós*, observamos na tabela 2 que os níveis de saliência que favorecem seu uso são os que apresentam maior diferença fônica entre a forma do singular e do plural, ou seja, os níveis 6 e 7. Quanto às variáveis sociais, são os falantes de mais de 50 anos e as mulheres que favorecem a manutenção do pronome *nós*.

Apresentamos a seguir as variáveis linguísticas e sociais por ordem de importância na seleção do programa VARBRUL.

2.1. Variáveis linguísticas

Saliência Fônica

A variável saliência fônica mostrou-se bastante significativa, tendo sido selecionada em primeiro lugar. Os trabalhos de Omena (1998), Lopes (1998) e Borges (2004) já comprovaram a importância da saliência fônica no uso dos pronomes pessoais *nós* / *a gente*. Segundo Omena (1998), o grau de diferença entre as formas verbais de 3ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural, também condiciona a ocorrência (ou não) de *a gente*. Comparando-se essas formas verbais, verificou-se que a maior diferença entre elas privilegia o uso de *nós*, e a menor, o uso de *a gente*.

Em nossa análise adotamos a mesma escala de saliência utilizada nos estudos de Borges (2004):

Saliência fônica	Nº dados	%	P. R.
1 – mesma forma para P3 e P4: (falando)	2/ 3	67	.52
2 – infinitivo com acréscimo da desinência – <i>mos</i> : (falar/ falarmos)	22/27	81	.92
3 – acréscimo da desinência – <i>mos</i> com conservação da sílaba tônica: (falava/ falávamos)	64/ 121	53	.63
4 – deslocamento do acentoônico e acréscimo da desinência – <i>mos</i> : (fala/ falamos, trouxe/ trouxemos)	149/ 208	72	.66
5 – monossílabos tônicos ou oxítonos no singular que passam a paroxítonos: (está/ estamos, tem/ temos, faz/ fazemos)	79/ 120	66	.55
6 – redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência – <i>mos</i> : (comeu/ comemos, vai/ vamos, foi/ fomos)	59/224	26	.30
7 – diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4: (veio/ viemos, é/ somos)	7/ 51	14	.11

Tabela 3 – O uso de *a gente* e a saliência fônica

Nota-se, pela tabela acima, que a forma *a gente* é favorecida nos níveis em que já menor diferenciação de material fônico: 2 (.92), 4 (.66), 3 (.63), 5 (.55) e 1 (.52). Como no nível 1 temos só três ocorrências, não consideramos o resultado para este nível significativo. De forma oposta, os níveis 6 e 7, de maior diferenciação fônica, favorecem o uso do pronome *nós* (tabela 2). Nossos resultados, como os resultados de Omena (1998) e Borges (2004), indicam o favorecimento do uso da forma *a gente* nos níveis 1, 2, 3 e 4. No nível 5, nossos dados também apontam para o favorecimento no uso de *a gente*, enquanto que nos dados de Omena e Borges este nível favorece a aplicação do pronome *nós*.

Considerando o nível 2, de maior peso relativo (.92), poderíamos dizer que no infinitivo as formas de terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural pouco se diferenciam em

termos de saliência fônica, o que favorece a substituição da forma mais antiga, *nós*, pela mais nova, *a gente*. Acrescenta-se a essa influência, a tendência a evitar na língua o uso do infinitivo flexionado.

Determinação do Referente

Segundo Lopes (2003), postula-se que *a gente* resultou do seguinte processo: *gente* [nome genérico] → *a gente* [pronomes indefinido] → *a gente* [substituto virtual do pronome pessoal *nós*]. A forma plural *nós* também permite leituras interpretativas diversas que vão desde uma determinação precisa, como *eu + você* ou *eu + ele*, até um grau máximo de indeterminação e generalidade: *eu + todo mundo* ou *eu + qualquer um*.

Ainda segundo essa autora, os diversos estudos sincrônicos (Omena, 1986; Monteiro, 1991; Lopes, 1993, entre outros) já demonstraram que há uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a uso mais restrito ou mais genérico. O falante utilizaria preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (não-eu), ou a não-pessoa: referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente*.

Em nossos dados observamos que a forma *a gente* prevalece quando o referente é indeterminado (tabela 4). Os resultados de nossa amostra confirmam, então, a hipótese postulada acima, pois verificamos altos índices percentuais e de peso relativo para o emprego genérico e impessoal (indeterminado) de *a gente* e índices mais baixos para o emprego com referência específica (determinado).

Determinação do referente	<i>A gente</i>			<i>Nós</i>		
	N	%	P.R.	N	%	P.R.
d - determinado	339/708	48	.47	369/708	52	.53
i - indeterminado	43/46	93	.88	3/46	7	.12

Tabela 4 – Determinação do referente

Pelos resultados da tabela 4, verificamos então que a forma *a gente* é favorecida nos contextos de indeterminação (.88), porém também passa a ser associada aos contextos com referentes determinados (.47). Observamos, dessa forma, um comportamento significativo da variante *a gente* também no campo da determinação. Os exemplos abaixo ilustram o uso de *nós* e *a gente* com referente determinado (*eu + ele* – ‘marido’).

“Geralmente no Natal *nós* tamo indo lá na mãe do Léo.” (FG-45)

“Ah, cada quinze, vinte dias *a gente* vai rezá, né? vai na missa.” (FP-45) ²

Tempo Verbal

Em nossos dados os tempos presente, pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo são os que aparecem com maior frequência, o que se explica pelo fato de que as entrevistas são, em sua maioria, relatos de experiências pessoais ou de casos passados.

Tempo Verbal	<i>A gente</i>			<i>Nós</i>		
	N	%	P.R.	N	%	P.R.
.Gerúndio	2/3	67	.58	1/3	33	.42
.Presente	266/438	61	.60	172/438	39	.40
.Infinitivo	23/39	59	.36	16/39	41	.64
.Pretérito Imperfeito	61/118	52	.40	57/118	48	.60
.Pretérito Perfeito	24/150	16	.34	126/150	84	.66

Tabela 5 – Tempo Verbal

² Os exemplos são de falantes do sexo feminino (F), com primário e ginásio (P, M), e menos de 45 anos.

As maiores probabilidades para o uso de *a gente* ocorreram com o presente do indicativo (.60) e gerúndio (.58). Os pesos relativos maiores para o uso de *nós* ocorreram com o pretérito perfeito do indicativo (.66), infinitivo (.64) e pretérito imperfeito do indicativo (.60). Segundo Lopes:

Com a forma *a gente* o falante se descompromete com o seu discurso, comentando assuntos gerais e não particulares. Quando eventualmente narra um fato vivido, o comprometimento com aquilo que enuncia é maior, por isso o falante utiliza o pronome *nós* que possui um caráter mais específico e determinado, daí sua presença em ambientes linguísticos em que o referente é identificável e conhecido e o tempo verbal é o pretérito (característico da narração de fatos reais). (LOPES, 1998, p.13)

Nos exemplos abaixo observa-se que o mesmo falante utiliza o pronome *a gente* quando descreve onde moram – tempo presente, e usa o pronome *nós* quando narra as últimas férias da família – tempo pretérito.

“De uma cunhada, *a gente* mora mais o menos perto.” (MG-45)

“Barra Velha, *nós* ficamos foi dez dias, acho que foi.” (MG-45)

Presença/ Ausência do pronome

Observa-se nas tabelas 1 e 2 que o pronome *a gente* tem um peso relativo superior quando explícito (.55), enquanto o pronome *nós* predomina nos casos em que o pronome está implícito (.59). Esse favorecimento do *nós* implícito (ausência do pronome) é explicável pela desinência verbal, pois não se faz necessário explicitar o pronome quando o próprio verbo já traz as marcas de pessoa.

“**Saimo** na sexta e **viemo** embora só domingo à tarde.” (FG-45)

2.2. Variáveis sociais

Faixa Etária

A variável faixa etária tem se mostrado de grande relevância nos estudos variacionistas. A análise da faixa etária pode apontar para duas direções básicas: um fenômeno pode estar em variação estável ou pode indicar a existência de mudança em curso.

Nos trabalhos de Omena (1998), Tamanine (2002) e Borges (2004), os resultados para a faixa etária favoreceram a hipótese de que os falantes mais jovens tendem a utilizar mais a forma inovadora *a gente*.

Em nossa análise também se percebe que os mais jovens apresentam maior uso de *a gente* (.63), o que indicaria uma mudança em tempo aparente. A faixa etária 2 (50 anos ou mais) apresenta um uso maior de *nós* (.63). Observa-se que a mudança em curso é fundamentada tanto pelos valores dos pesos relativos como pelos percentuais (tabela 1), o que demonstra de forma evidente que a variante inovadora *a gente* é mais frequente entre os jovens.

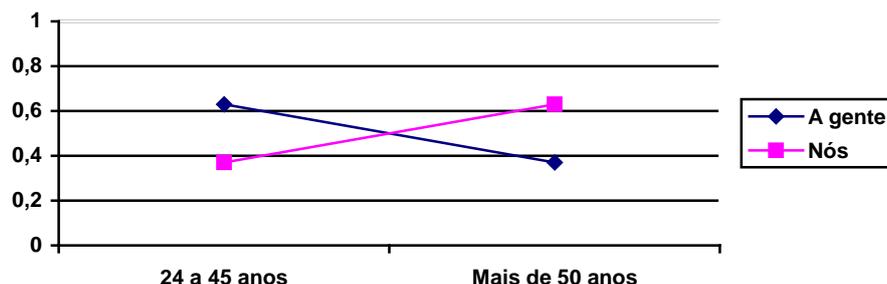
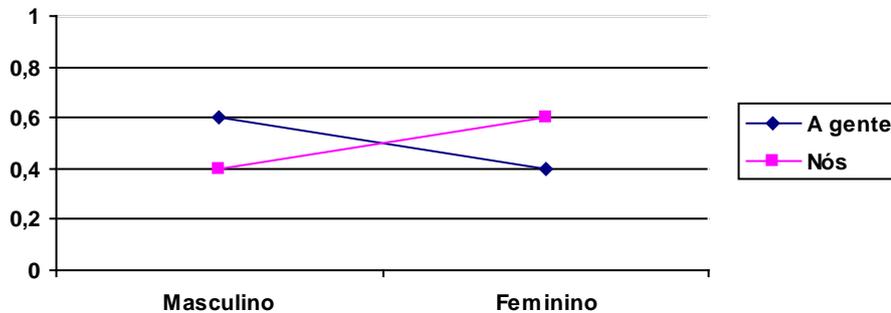


Fig. 1 – Probabilidade de uso de *nós/a gente* segundo a Faixa Etária

Podemos observar na figura 1 as probabilidades de uso dos pronomes *nós* e *a gente* considerando a idade dos falantes. À medida que aumenta a idade, maior o uso do pronome *nós*, e à medida que diminui a idade, maior o uso do pronome *a gente*. Os falantes mais jovens (24 a 45 anos) usam o pronome *a gente* na mesma proporção que os mais velhos (mais de 50 anos) usam o pronome *nós* (.63).

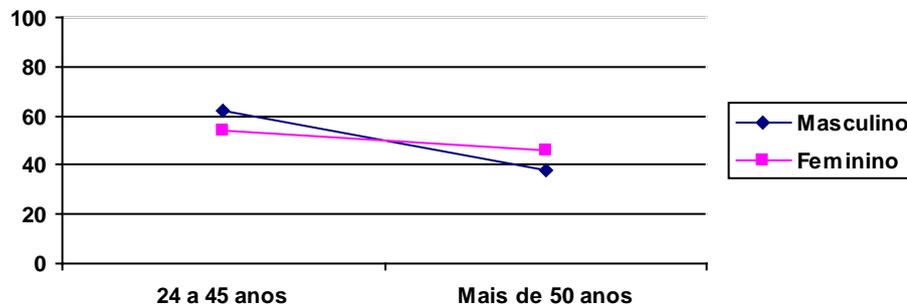
Sexo

Nossos dados mostraram uma diferença significativa no uso dos pronomes considerando o sexo dos informantes, com uma tendência maior ao uso de *a gente* pelos homens. Ao contrário dos resultados obtidos por Borges (2004) em Jaguarão e Pelotas, e Seara (2000), que estudou essa variável no falar de Florianópolis, em nossos dados são os homens que aparecem na vanguarda da mudança.

Fig. 2 - Probabilidade de uso de *nós/a gente* segundo o Sexo

Os resultados mostram que os falantes do sexo masculino inclinam-se mais ao uso da variante *a gente* (0.60), enquanto com as mulheres ocorre o inverso, ou seja, tendem a usar mais a variante *nós* (0.60).

Efetuamos o cruzamento do sexo e da faixa etária para o uso do pronome *a gente* a fim de verificarmos se, efetivamente, os falantes mais jovens dos dois sexos estão favorecendo a mudança e obtivemos os seguintes resultados:

Figura 3 – Frequência de uso de *a gente* - cruzamento de Sexo e Faixa Etária

A interação entre faixa etária e sexo indica que a aplicação de *a gente* aumenta progressivamente, conforme diminui a faixa etária dos informantes, independente do sexo. Esse

fato demonstra a força da mudança nas faixas etárias mais jovens. Entretanto, observa-se que a mudança é mais favorecida pelos homens, pois o aumento no uso do pronome inovador *a gente* entre os mais velhos e os mais novos é de 24% (passa de 38% para 62%), enquanto esse aumento no sexo feminino é de apenas 10% (de 45% para 55%).

Escolaridade

A escolaridade foi o último fator selecionado na ordem de relevância no uso da variante *a gente*. Observa-se uma predominância no uso do pronome *a gente* pelos falantes de nível primário (.62). O ginásio e o segundo grau apresentam maior probabilidade de aplicação do uso de *nós* (.53 e .55, respectivamente). Portanto, podemos perceber que, à medida que aumenta o nível de escolaridade, aumenta a utilização do pronome *nós*, ou seja, nossos dados mostram que o ginásio e o secundário estão reforçando o uso e a manutenção deste pronome.

Conclusão

A partir do estudo sobre a alternância pronominal *nós/ a gente* em Concórdia – SC, observamos em nossos dados que há um leve predomínio no uso do pronome *a gente* (51%). Observa-se, no entanto, que há uma mudança em curso, pois o uso do pronome inovador *a gente* é favorecido pelos falantes mais jovens (.63), enquanto o pronome *nós* é utilizado principalmente pela segunda faixa etária, a dos falantes de 50 anos ou mais (.63). Pode-se dizer que a variável social faixa etária é, portanto, o fator mais relevante na indicação de uma mudança em direção à substituição de *nós* por *a gente*. Em relação ao sexo, obtivemos em nossa análise resultados diferentes dos de Borges (2004) e de Seara (2000), que apontam o sexo feminino como sendo um dos fatores responsáveis pela mudança; em nosso *corpus* são os homens que aparecem na vanguarda da mudança.

Em relação aos fatores linguísticos, a saliência fônica foi selecionada como o fator mais significativo. O pronome *a gente* é mais utilizado nos níveis em que há uma diferenciação fônica menor entre as formas verbais no singular e no plural, e, ao contrário, o pronome *nós* prevalece nos níveis em que a diferenciação entre as formas é maior. Contudo, a escala de saliência utilizada não se apresentou como o esperado, pois não houve efetivamente uma gradação decrescente nos níveis de saliência.

Observamos ainda que se mantém a predominância da forma *a gente* em frases cujo sujeito é indeterminado, ou seja, a indeterminação continua associada à variante *a gente* (.88). No entanto, a determinação também passa a ser associada a essa variante, pois o uso de *a gente* em contextos determinados (.47) aproxima-se já do uso do pronome *nós* (.53).

Considerando o tempo verbal, o falante utiliza *a gente* principalmente com o presente, forma característica das enumerações de atos habituais, ou atemporais, associados aos discursos descritivos ou argumentativos; já no pretérito perfeito e imperfeito, tempos característicos da narração, predomina o uso do pronome *nós*.

Referências

- BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral I*. 4ª ed., Campinas: Pontes, 1995.
- BORGES, Paulo R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: Análise histórico-social- linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Porto Alegre, Tese de Doutorado – UFRGS, 2004.

- LOPES, Célia. R. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. São Paulo: *DELTA*, vol. 14, n.2, 1998, p. 1-15.
- LOPES, Célia. R. A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. Florianópolis, *Fórum Linguístico*, v.4, n.1, julho de 2004, p.47-80.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re) análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Curitiba, Tese de Doutorado – UFPR, 2004.
- MENON, O. P. S. *Analyse sociolinguistique d'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil à partir des données du NURC – SP*. Tese de Doutorado, Universidade Paris VII, 1994.
- MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba: Editora da UFPR, 1995, p. 91-106.
- OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O. e SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996, p.185-215.
- SCHERRE, M. M. P. As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito. In: SILVA, G. M. de O. e SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996. p.310-323.
- SEARA, I. C. A variação do sujeito “nós” e “a gente” na fala florianopolitana. *Organon*, v.14, n. 28/29, 2000, p.179-194.
- TAMANINE, A. *A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina*. Curitiba, Dissertação de Mestrado – UFPR, 2002.